

Distribuição da População da Região Centro-Oeste — 1960

SÔNIA ALVES DE SOUZA

Geógrafo do CNG

Segundo a divisão regional do CNG, a Grande Região Centro-Oeste, é formada pelos estados de Mato Grosso (excetuando-se a zona fisiográfica de Aripuanã) e Goiás (com exceção das zonas fisiográficas de Araguatins e Taguatins), além de parte dos estados de Maranhão (zonas de Carolina, Alto Mearim e Alto Parnaíba); Piauí (zonas do Alto Parnaíba e Planalto); Minas Gerais (zonas do Urucua, Parnaíba-Grande e Triângulo); Bahia (zona de Barreira) e o Distrito Federal (Brasília); perfazendo uma área total de 2 172 750 km², com uma população de 4 569 262 habitantes, e uma densidade de 2,04 hab/km² (censo de 1960).

No conjunto da região, Goiás apresenta maior contingente populacional com 1 923 723 habitantes e uma população relativa de 3,04 hab/km² enquanto Mato Grosso possui 910 123 habitantes e uma densidade de 0,83 hab/km². Esta diferença de população entre os dois estados é resultante, em grande parte, da diversidade das atividades econômicas nêles praticadas. Em Mato Grosso predomina a criação de gado extensiva e o extrativismo mineral e vegetal, atividades reconhecidamente dispersoras de população, ao passo que em Goiás, mesmo havendo o predomínio da pecuária, há uma atividade agrícola mais intensa que no estado anterior, concentradora da população.

Apesar de o Centro-Oeste ter acusado um acréscimo de população ocupa, ainda, o penúltimo lugar entre as demais regiões do país. Entre as principais causas dessa escassez demográfica, pode-se citar: a sua posição geográfica, a falta de transporte, a predominância da pecuária e das atividades extrativas. Entretanto, quanto ao crescimento relativo, a Região Centro-Oeste é a primeira em todo o país. Tal fato é constatado pela comparação dos dados censitários, que acusam sempre um aumento bem expressivo; assim de 1920-40, 66%; 1940-50, 38% e de 1950-60, 73,11%. Para êsse aumento concorreram diversos fatores: as áreas de matas, propícias à agricultura, a construção de nova capital, além de elevada natalidade.

Em tôda a região, mesmo nos maiores adensamentos demográficos, predomina a população rural sôbre a urbana. As atividades industriais e comerciais, por serem reduzidas, são incapazes de fixar e atrair mão-de-obra, motivo pelo qual as cidades da região são de fraco contingente populacional. Através da análise dos censos demográficos, verifica-se que a população rural está sempre em crescimento, embora tenha havido grande aumento de população urbana, em virtude da incipiente mas sempre crescente atividade industrial. Isto é demonstrado pela taxa de incremento da população rural que foi de 40/1 000 habitantes e a da urbana de 94/1 000, no período de 1950/60.

Comparando-se as porcentagens da população urbana do Centro-Oeste, verifica-se que a de Mato Grosso é maior (40,1%) que a de Goiás (30,9%). É responsável por êsse fato o predomínio do extrativismo e da pecuária que ocorre em Mato-Grosso e que não exige grande quantidade de mão-de-obra, razão pela qual a população concentra-se mais nos núcleos urbanos. Isto já não se verifica em Goiás, onde a agricultura é bem mais desenvolvida o que possibilita maior contingente de população rural.

Dentre os núcleos urbanos que mais se sobressaem na região Centro-Oeste, sob todos os pontos de vista, temos em Goiás: Goiânia, Anápolis e Jataí, enquanto em Mato Grosso podemos citar: Campo Grande, Cuiabá, Corumbá e Três Lagoas. Uma outra área da região em que aparecem núcleos urbanos de importância é o Triângulo Mineiro, onde se destacam Uberlândia, Uberaba e Araguari.

Um fato a ressaltar, nesta região, é a distribuição irregular da população. Assim aparecem áreas como a Mata da Corda, vales e encostas dos rios Grande e Paranaíba e o "Mato Grosso" de Goiás, onde a concentração de população é mais forte devido a atividade agrícola. Outras, como o sul de Mato Grosso e de Goiás, relativamente bem povoadas, enquanto ao norte desses estados a população é dispersa e rarefeita, em função das atividades dominantes a pecuária em Goiás e o extrativismo vegetal e mineral em Mato Grosso. O mesmo ocorre com a área do Triângulo Mineiro, que apesar de bem povoada, não apresenta população igualmente distribuída. Já a área do Planalto Ocidental do São Francisco, praticamente desconhecida, é fracamente povoada.

Assim, observa-se no mapa quatro zonas de concentrações populacionais de densidade diferentes:

- 1) Zonas de forte concentração — formada pelo "Mato Grosso" de Goiás, Mata da Corda, vales e encostas dos rios Grande e Paranaíba.
- 2) Zonas de concentração média — Sul de Mato Grosso, Região de Cuiabá, Região de Poxoreu, Sudoeste de Goiás, Zona do Alto Tocantins e Brasília.
- 3) Zonas de fraca concentração — Pantanal Mato-Grossense — Divisor Amazônico-Platino, Divisor Paraná-Paraguai e Divisor Tocantins-Araguaia.
- 4) Zonas de vazios demográficos — Norte e Centro-Norte de Mato Grosso e Divisor São Francisco-Tocantins.

1 — Zonas de forte concentração.

Situadas distantes do litoral, onde se encontram os maiores focos de povoamento, assim como de abastecimento, houve necessidade de desenvolver-se a agricultura nessas regiões. Esta atividade sedentária, como é praticada no Brasil, necessita para seu desenvolvimento de solos férteis, daí as fortes concentrações corresponderem sempre as áreas de matas, que possuindo aquelas condições, atraíram considerável mão-de-obra, concorrendo assim para o adensamento da população rural.

Nos vales e encostas do Paranaíba e Grande e no "Mato Grosso" de Goiás a concentração populacional é fruto de aproveitamento agrícola com produtos variados, onde sobressaem o arroz e o café, diferencando-se da Mata da Corda, onde o cultivo principal é o milho. Essas lavouras requerem mão-de-obra abundante, daí a densa população rural dessas zonas. Esta agricultura é feita, geralmente, nas proximidades dos centros urbanos, visando um mercado consumidor certo.

O aproveitamento agrícola dessas áreas promoveu a vinda de imigrantes nacionais e estrangeiros que, dedicando-se principalmente à rizicultura e à cafeicultura, criaram, dessa forma, uma paisagem completamente diferente do resto da região, onde predomina a pecuária extensiva.

O desenvolvimento da agricultura, fortalecido pela relativa facilidade de escoamento de seus produtos pelas ferrovias e rodovias, foi o principal fator de atração de grande número de mineiros, provenientes das terras altas do Triângulo Mineiro, que se localizaram principalmente no "Mato Grosso" de Goiás, assim como de nordestinos. Grande contingente populacional se deslocou, também, de São Paulo e da Bahia, para esta zona, em busca de novas oportunidades. Nesta área houve grande influência da E. F. Goiás, mero prolongamento da articulação da Rêde Mineira de Viação e da E. F. Mojiana, que com sua pe-

netração colocou esta zona em contato com Minas Gerais, São Paulo e estado do Rio de Janeiro. Esta região beneficiou-se, também, de boas rodovias como por exemplo a que liga Uberlândia a Anápolis.

A parte mais populosa dessa área está na zona primitivamente ocupada pela Colônia Agrícola Nacional de Goiás, localizada no município de Ceres, no "Mato Grosso" de Goiás.

Na área situada entre a vertente do Paranaíba e o "Mato Grosso" de Goiás, a população aparece menos concentrada. Aí predomina a pecuária e a garimpagem bastante intensa de diamantes e cristal de rocha. Na região do divisor de águas Paranaíba-Grande, em função da atividade criatória, há uma diminuição da população.

Na área do "Mato Grosso" de Goiás existem grandes centros urbanos como Anápolis e Goiânia. Esta tem, apenas, função político-administrativa, não possuindo, porém, possibilidade de tornar-se grande centro comercial e industrial, em virtude da falta de energia elétrica. No entanto, devido a sua posição, é um importante centro de comunicações, pois as ligações rodoviárias do norte com o sul do estado tem aí seu ponto de convergência e mesmo aquelas que vão em direção a Anápolis. Além disso, ela é a cidade do Centro-Oeste de maior população urbana, alcançando 132 577 habitantes. Embora sendo a capital administrativa do estado, Goiânia não possui a mesma importância de Anápolis.

Esta é capital econômica da região, sendo grande sua área de influência. Nascida da exploração do ouro, só mais tarde cresceu em importância, quando se tornou ponto terminal da E. F. Goiás. Esta condição de ponta de trilho facilitou a intensificação do comércio, pois atraindo as produções do norte e do oeste do estado, transformou-a em um centro redistribuidor da produção. Sua população urbana é de 48 847 habitantes.

2 — Zonas de Concentração Média.

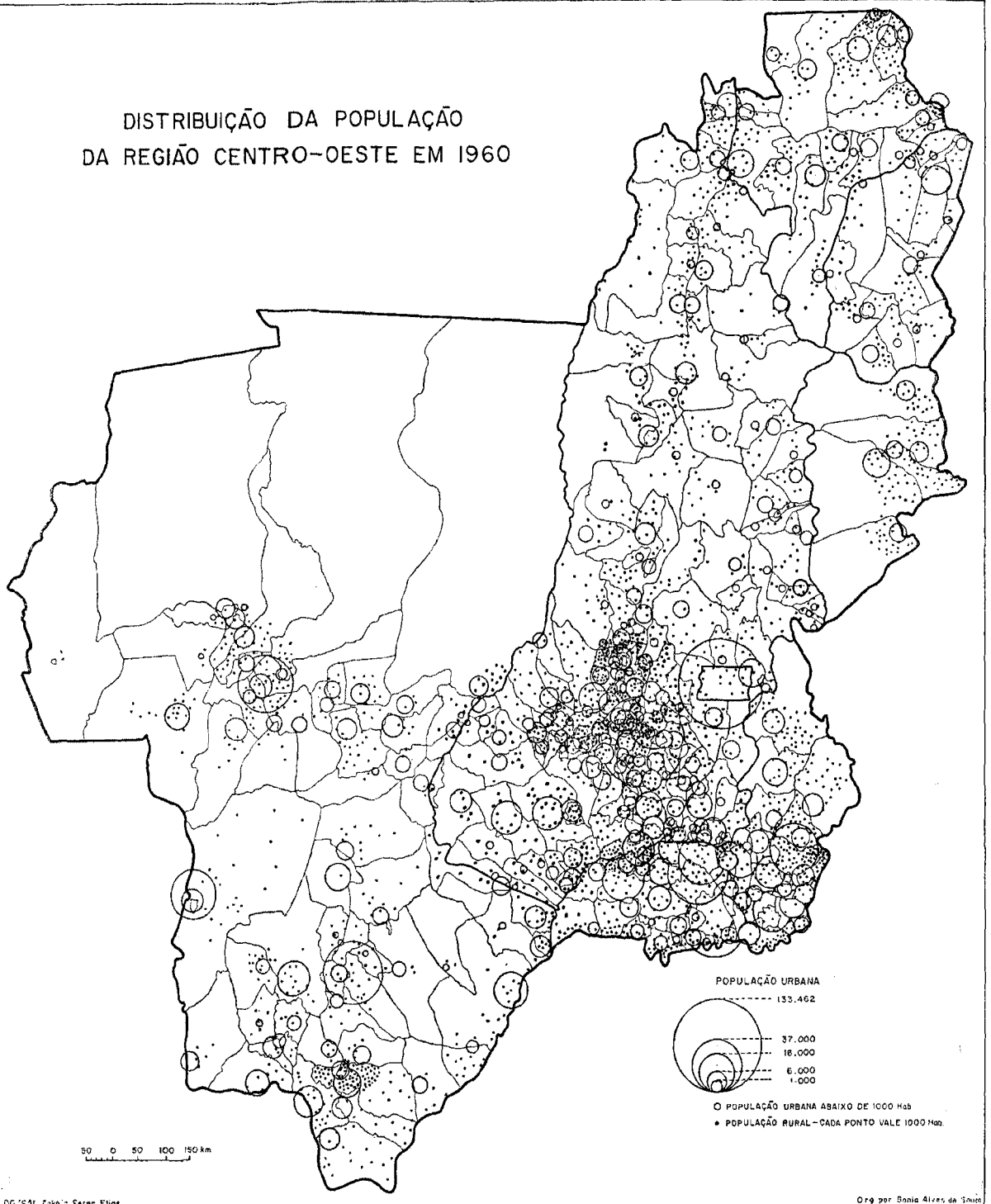
O sul de Mato Grosso que apresenta população menos densa, tem seu povoamento e ocupação ligados inicialmente à procura de novos pastos para o gado, proveniente, sobretudo, do Triângulo Mineiro. Contudo, na sua parte mais meridional, na zona de Ponta Porã ao longo do rio Apa, encontra-se população mais densa graças à extração da erva-mate. Esta atividade trouxe o desenvolvimento de centros urbanos como Pôrto Murtinho, centro exportador da erva-mate, pelo rio Paraguai, para a Argentina e Uruguai. Com o deslocamento dessa exploração para leste, o rio Paraná passou a ser escoadouro da produção.

O desenvolvimento dessa área mais meridional do estado, muito deve à construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil a qual, em seu percurso de Bauru (São Paulo) às margens do rio Paraná, deu origem a várias cidades, entre elas Três Lagoas. Com a penetração da estrada de ferro houve a intensificação do movimento migratório que, de início, era esporádico e representado por elementos estrangeiros, provenientes dos países fronteiriços com Mato Grosso (Paraguai e Bolívia) e mais tarde por elementos nacionais, predominando entre estes os paulistas e nordestinos, que se dedicaram a agricultura.

A abertura da ferrovia encaminhou novos grupos humanos para essa região, principalmente japoneses, que se deslocaram de São Paulo atraídos pela cafeicultura aí iniciada com boa perspectiva para o desenvolvimento da região. Concentraram-se nas colônias agrícolas de Terenos e Dourados, onde se dedicam, não só à cultura do café, mas também à do arroz e à do milho.

Além disso, com a ferrovia, houve a revitalização de pequenas cidades, que se tornaram importantes centros comerciais e industriais, como Campo Grande. Esta é a mais importante das cidades mato-grossenses, sendo mesmo considerada a "capital" do sul do estado. Seu desenvolvimento é devido à conexão existente entre a ferrovia e a rodovia, sendo seu intercâmbio comercial feito

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO
DA REGIÃO CENTRO-OESTE EM 1960



principalmente com São Paulo, cuja comunicação é mais fácil do que com a própria Cuiabá. Com a expansão das rodovias, Campo Grande passou a manter um comércio mais ativo com outras cidades do sul do estado, dentre elas Miranda e Aquidauana. O desenvolvimento da indústria alimentar de origem animal concorreu para o aumento de sua população urbana, que é 64 477 habitantes, superior mesmo a da capital do estado.

A maior concentração dessa área é, porém, encontrada em Dourados, que possui uma colônia agrícola, onde se pratica a policultura com predominância do plantio do café.

Ao norte, encontra-se outra área de concentração média a região de Cuiabá. Nesta zona aparecem numerosos pequenos núcleos como Santo Antônio do Leverger, Livramento, Poconé e outros que tiveram origem na primeira metade do século XVIII e que guardam o aspecto das velhas cidades coloniais do tempo da mineração. Com a decadência dessa atividade e o afastamento em que se encontram êsses centros urbanos, desenvolveu-se uma agricultura de subsistência, destacando-se Santo Antônio do Leverger, com sua produção e indústria de beneficiamento de cana-de-açúcar.

Nessa área salienta-se Cuiabá, capital mato-grossense, com uma população urbana de 43 112 habitantes, importante por sua função administrativa e sua pequena indústria representada, principalmente, pelas usinas de açúcar.

Ainda como área de concentração média, aparece a região de Poxoreu, abrangendo os altos vales do São Lourenço, Garças, Mortes e Araguaia, povoada recentemente graças à garimpagem de diamantes. Surgem aí, em geral, às margens dos rios, pequenos núcleos populacionais, muitas vezes de vida efêmera, dependendo seu desenvolvimento da maior ou menor riqueza do garimpo.

As outras áreas de concentração média de população são o Alto Tocantins, o sul do Maranhão e o Planalto Ocidental do São Francisco, regiões criatórias, cuja densidade de população porém, está mais relacionada às atividades extrativas minerais e vegetais. Sobressai aí a garimpagem do diamante e a exploração do babaçu, predominando esta, em Tocantinópolis, Goiás.

No Planalto Ocidental do São Francisco aparece, em Barreira, uma zona de maior concentração que, por sua posição, centraliza o comércio desta área. O mesmo se verifica na escarpa oriental do planalto, devido à ocorrência de terrenos mais férteis, derivados da decomposição do calcário que aproveitados agricolamente possibilitam uma concentração demográfica mais expressiva.

É interessante destacar que em tôdas essas áreas encontra-se sempre uma agricultura de subsistência, baseada no cultivo do arroz, do milho, feijão e da mandioca.

Nas zonas de concentração média já citadas os meios de comunicação são deficitários; apresentam contudo uma melhoria devido a construção de nova capital federal, Brasília, que favoreceu o aparecimento de rodovias, construídas apenas em função do seu abastecimento e não em função do aparecimento de uma região agrícola como geralmente ocorre em outras áreas.

Um dos mais novos adensamentos populacionais do Centro-Oeste, corresponde à área do Distrito Federal. Realmente a construção da nova capital e a melhoria das comunicações é o mais novo fator de atração de imigrantes para o Centro-Oeste. Sua construção tem concorrido para a chegada de elementos de outros estados, sobretudo nordestinos, acarretando o aumento da população, que é principalmente urbana, pois dos 141 742 habitantes do Distrito Federal, 89 698 se acham concentrados em Brasília.

Por sua dependência com as demais regiões, tanto em produtos manufaturados provenientes geralmente de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, como de cereais, cujo fornecedor principal é Goiás, Brasília deverá integrar, através do comércio e da atividade político-administrativa, o Centro-Oeste com o restante do país.

3 — Zonas de fraca concentração.

O Pantanal é uma área de população muito rarefeita e dispersa, dado o gênero de vida aí dominante, a criação de gado, propiciada pelas condições geográficas aí reinantes. Se a população rural é pequena nessa área, mais ainda é a urbana, onde se destaca apenas Corumbá, por sua posição vantajosa à margem do Paraguai. Comunicando-se através desse rio com Buenos Aires e Montevidéu, sua importância crescerá ainda com a ligação da Noroeste à Bolívia. Há na cidade uma pequena indústria derivada da pecuária (couros e peles, e produtos similares), que trouxe um certo desenvolvimento a Corumbá, além de uma usina de ferro-gusa, apoiada no ferro e no manganês extraídos do maciço de Urucum, e uma fábrica de cimento que explora as jazidas de calcário existentes nas proximidades da cidade. Este fato industrial concorre para o aumento da população urbana, que é de 36 744 habitantes.

O mesmo fato, a pecuária, foi o causador do povoamento do divisor Paraná-Paraguai e do vale do Paraná, onde se destaca Três Lagoas, cuja origem está ligada a chegada da E. F. Noroeste do Brasil que possui população de 14 520 habitantes, cujo desenvolvimento está ligado também à sua posição de contacto entre a zona agrícola paulista e pastoril mato-grossense.

Na área do divisor Araguaia-Tocantins as causas que contribuem para a rarefação de população são as mesmas da região anterior, isto é, a grande predominância da pecuária, além da atividade extrativa mineral. Nesta zona de fraca concentração, a população rural apresenta-se dispersa em fazendas, ocorrendo maior adensamento nas proximidades das cidades.

O mesmo fato se verifica no divisor Amazônico-Platino, em virtude de suas condições ecológicas impróprias para a agricultura.

4 — Zonas de Vazios Demográficos.

No centro-norte e no norte de Mato Grosso extensa área que é quase um vazio demográfico, conseqüência das atividades extrativas vegetais (borracha e poaia) e minerais (ouro e diamante). Estas áreas, possuidoras de atividades que necessitam de pouca mão-de-obra só atraem população quando ocorre um surto, como sucedeu com o da borracha, que trouxe à região levas de imigrantes, tanto estrangeiros (bolivianos) quanto nacionais, principalmente, nordestinos. O declínio do surto da borracha coincidiu com a dispersão populacional para outras áreas.

Nesta região destaca-se Diamantino, núcleo originário da garimpagem do ouro e do diamante e que, com a decadência desta atividade, teve seu desenvolvimento retardado até iniciar-se o surto da borracha, quando tornou novamente a se desenvolver. Outro vazio demográfico ocorre no divisor São Francisco-Tocantins, que só é percorrido pelos extratores da balata e por esporádicos caçadores.

Concluindo, verifica-se que as concentrações populacionais estão nas áreas de matas, onde predomina a agricultura e que a atividade de economia básica, genérica da região a pecuária, ligada às próprias condições geográficas, condiciona a dispersão da população.

As vias de comunicação aparecem como revitalizadoras de cidades, havendo, porém, o predomínio da população rural sobre a urbana, devido ao fato da indústria e do comércio estarem pouco desenvolvidos, sendo incapazes de fixar grande contingente populacional nas cidades.

Pode-se dizer que grande parte da Região Centro-Oeste está ainda em fase de povoamento pioneiro. Isto, não só devido ao seu afastamento do litoral como ao tipo de economia predominante — as indústrias extrativas vegetal e mineral — as quais não fixam população, vem reforçar este fato, a existência de certos trechos pouco explorados que permita, pelo conhecimento e exploração de seus recursos econômicos, a permanência do homem.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Maurício — 1960 — O povoamento, população, grupos étnicos e colonização — Geografia do Brasil — *A Grande Região Centro-Oeste* — pp. 145/182, Biblioteca Geográfica Brasileira. Publicação 16, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- ANUÁRIO ESTATÍSTICO — 1963 — IBGE-CNE — Rio de Janeiro.
- CAMPANHA NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DO PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR — 1958 — *Estudos de Desenvolvimento Regional* — Mato Grosso — Série Levantamento e Análise, n.º 4, pp. 25/28, Rio de Janeiro.
- 1959 — *Estudos de Desenvolvimento Regional* — Goiás — Série — Levantamento e Análise, n.º 21, pp. 32/33, Rio de Janeiro.
- FAISSOL, Speridião — 1952 — *O Mato Grosso de Goiás*, 140 páginas — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n.º 9, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- 1958 — População in *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. II, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- GALVÃO, Marília Velloso — 1958 — População — in *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. II, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- INOCENCIO, Ney Rodrigues — 1959 — Transportes da Região Centro-Oeste — in *Atlas do Brasil*, p. 98, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- KELLER, Elza C. S. — 1953 — Distribuição da população do Estado de Mato Grosso em 1940, in *Revista Brasileira de Geografia*, ano XV, n.º 2, pp. 303/311, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- LIMA, Miguel e ALMEIDA, F. F. Marques de — 1959 — O Planalto Centro Ocidental e o Pantanal Mato-grossense, *Guia de Excursão n.º 1*, XVIII Congresso Internacional de Geografia, pg. 169 — CNG.
- STEFAN, Elvia Roque — 1960 — Agricultura, Geografia do Brasil — *Grande Região Centro-Oeste*, pp. 223/248, Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação n.º 16, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- 1960 — Indústria Extrativa, Geografia do Brasil, *Grande Região Centro-Oeste*, pp. 249/281, Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação n.º 16, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- VIEIRA, Maurício Coelho — 1959 — Distribuição da População da Região Centro-Oeste — in *Atlas do Brasil*, p. 94, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- 1960 — A Pecuária, Geografia do Brasil — *Grande Região Centro-Oeste*, pp. 183/222 — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação n.º 16, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- VIEIRA PINTO, Maria Magdalena — 1959 — Núcleos Urbanos, in *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. II, IBGE-CNG — Rio de Janeiro.
- 1960 — Núcleos Urbanos — Geografia do Brasil — *Grande Região Centro-Oeste* — pp. 301/334, Biblioteca Geográfica Brasileira, Publicação 16 — IBGE-CNG, Rio de Janeiro.
- 1960 — Brasília, a Nova Capital do país — Geografia do Brasil — *Grande Região Centro-Oeste* — pp. 335/378, Biblioteca Geográfica, Publicação 16, IBGE-CNG, Rio de Janeiro.